

## O SUJEITO SURDO NO ENSINO REGULAR

**RIBEIRO**, Adriana Naves Resende – UNIUBE – [adriana.n.r.r@hotmail.com](mailto:adriana.n.r.r@hotmail.com)

**MÁRQUES**, Fernanda Telles – UNIUBE – [fernanda.marques@uniube.br](mailto:fernanda.marques@uniube.br)

**ET:** Educação Popular, Diversidade Cultural e Construção de Saberes/ n.º 03

**Agência Financiadora:** CAPES

Este trabalho é o resultado parcial da pesquisa realizada no programa de Mestrado em Educação da UNIUBE, na linha de pesquisa Cultura e Processos Educativos. A literatura da Educação aponta que a escolarização de deficientes auditivos é ainda uma meta a ser alcançada no Brasil, uma vez que as tentativas educacionais feitas até o momento ainda não se mostraram suficientes em sua função de facilitadoras da inclusão social e do desenvolvimento acadêmico da criança e do adolescente com deficiência auditiva.

Acredita-se que isso se dê também em função da existência de um estigma sociocultural historicamente elaborado, segundo o qual, limitações auditivas e, decorrentemente, linguísticas seriam indicativas de outras limitações, tais como incapacidades de aprendizado e mesmo de convívio comunitário.

Partindo da percepção de que assumir no ambiente escolar uma identidade que vincula o sujeito a uma minoria historicamente discriminada e pouco compreendida – a identidade de deficiente auditivo – é algo especialmente delicado quando os sujeitos em questão são ainda crianças e adolescentes. Esta sendo o questionamento da presente pesquisa, investigar, a partir de três escolas que têm alunos em referidas condições, como o ensino público regular percebe o aluno deficiente auditivo e como esta identidade, de pessoa deficiente, segue sendo construída no ambiente escolar.

O estudo da diversidade manifestada no ambiente escolar se justifica por vários motivos, sendo o principal deles a necessidade de se garantir, neste espaço fundamental à formação da cidadania, a prática democrática de reconhecimento e respeito às diferenças.

No caso específico, em que a diversidade advém de uma condição que o olhar biomédico identifica como patológica, acreditamos que sejam maiores as dificuldades de se estabelecer uma relação positiva com os sujeitos identificados

como diferentes. Isto porque, a deficiência auditiva e a surdez nem sempre são admitidas enquanto condições que levam não ao alheamento da cultura, mas à elaboração de um *ethos* específico.

E assim, a criança e o adolescente não-ouvintes tendem a ser vistos, no ambiente escolar, apenas como pessoas que têm uma deficiência física, e não como sujeitos cuja maneira de ver e de estar no mundo foi construída também a partir de condições colocadas por referida deficiência. Maneira esta, poucas vezes percebida e respeitada no ambiente da escola.

O que se coloca em pauta, e que aqui ressaltamos como justificativa social para a pesquisa ora proposta, é a efetividade e a extensão da acolhida anunciada em medida de inclusão ou de integração pelo ensino regular, o que se relaciona também à qualidade do ensino ofertado, ao enfrentamento da segregação (que não se faz sem que se reconheça seus determinantes políticos e socioculturais) e à problematização tanto de diretrizes formais quanto de práticas sócio-educativas observadas nas escolas onde se realiza a pesquisa de campo.

O objetivo geral da pesquisa é investigar, a partir de três escolas que têm alunos em referidas condições, como se dá a construção das percepções de professores(as) e alunos(as) acerca da diversidade em geral e da condição de deficiente auditivo em especial. Como objetivos específicos tem-se, ainda, a análise das imagens que as crianças e adolescentes com deficiência auditiva têm da deficiência e de si mesmos enquanto pessoas com necessidades pedagógicas especiais.

Para alcançar os objetivos propostos foram realizadas pesquisa teórica e documental e pesquisa de campo.

A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir de um programa de leituras que envolvem as discussões da deficiência auditiva em perspectiva histórica e cultural, da escolarização da criança/adolescente assim diagnosticados, e da questão da construção social da identidade e da diferença no ambiente escolar.

Somamos à pesquisa bibliográfica a coleta de dados obtidos por investigação documental, da realização de questionários mistos e entrevistas semiestruturadas junto a professores(as) e alunos(as), ouvintes e não-ouvintes. Desta forma, estaremos fazendo uso da técnica da triangulação que, conforme Triviños (1995:138), "tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo". Trata-se de um tipo de pesquisa em

que é levado em conta o não-isolamento de cada fato, o que privilegia as raízes históricas e os fenômenos sociais pré-existentes à questão em discussão.

Os procedimentos da pesquisa envolveram a *investigação de processos e produtos do meio socioeconômico e cultural*, o que se deu através da observação sistematizada da rotina escolar (incluindo crianças/adolescentes e adultos; pessoas ouvintes e não-ouvintes; profissionais administrativos e professores; funcionários da limpeza; familiares de alunos), a *análise de elementos produzidos pelo meio* (feita pelo exame de documentos escritos como leis, diretrizes, Projetos Políticos Pedagógicos) e o *conhecimento e análise de processos e de produtos centrados nos sujeitos* (realização de questionários mistos e de entrevistas semiestruturadas junto a alunos/as e professores/as).

Enquanto Triviños (1995) constitui em referencial para o desenvolvimento metodológico dos trabalhos, as discussões teóricas encontram respaldo em autores da Antropologia da Educação, como Gusmão (1997, 1999), Brandão (2001), Silva (2000); e dos Estudos sobre a cultura dos Surdos na Educação, como Skliar (2011, 2010), Perlin (1998, 2003), Moura (2000), Lulkin (2010), Strobel (2008), Dorziat (2009), Thoma (2010), entre outros.

As análises estão sendo conduzidas também a partir de autores como Goffman (1988) e Foucault (1997).

A pesquisa encontra-se em fase de finalização. As observações continuadas foram iniciadas tão logo se deu a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIUBE, o que resultou em amplo registro em diário de campo, realizado a partir da tradição antropológica (Malinowski, 1922) e da antropologia aplicada à Educação.

A pesquisa teórica teve início com o levantamento de informações que permitissem uma compreensão histórica e social do fenômeno estudado - tanto em termos mundiais quanto, mais especificamente, na cidade que consiste no *lócus* imediato da investigação.

O levantamento historiográfico aponta que na base dos comportamentos discriminatórios observados em campo, encontram-se, sobretudo, estigmas decorrentes da histórica e equivocada associação entre deficiência auditiva e incapacidade mental. Uma vez em campo, foram observados comportamentos de evitação e de apartação das crianças/adolescentes não-ouvintes, por vezes tratados como se fossem mentalmente incapazes. Ou seja, o mesmo entendimento do

passado acerca da deficiência auditiva, agora se manifesta demonstrando um processo de reprodução que obstaculariza aos sujeitos – normatizados pela escola, como diria Foucault (1997) – a constituição de suas próprias identidades.

A cultura ouvinte como majoritária, em algumas ocasiões trata com desigualdade ou anula a cultura surda (Doziart, 2009).

Através da aplicação dos questionários junto ao corpo docente, constatou-se que, nas três escolas, a grande maioria dos professores são do sexo feminino e a faixa etária vai entre os 24 e os 55 anos de idade. Outros dados encontrados que merecem citação por permitir a compreensão do um “perfil” deste profissional, são as declarações de que a maioria: possui tempo de magistério superior a oito anos com especialização completa (70%); tem experiências com alunos surdos(as) (66,6%); considera importante a presença do intérprete durante as aulas (46,6%); e, como estratégia facilitadora da interação com referido alunado procura sempre falar de frente para o aluno surdo estimulando os outros sujeitos da educação escolar a fazerem o mesmo (76%). Para os sujeitos abordados na primeira etapa da coleta de dados, aqui em discussão, suas escolas são inclusivas devido ao “trabalho diferenciado” que fazem e ao “respeito às diferenças”, o que é coerente com a resposta que 93,3% deram ao afirmar que a instituição mais adequada para a escolarização de crianças surdas é a escola regular inclusiva.

Apesar dos dados acima demonstrarem uma proposta de respeito às diferenças, o que se observa é que, não obstante este evidente multiculturalismo observado nas escolas, os(as) alunos(as) surdos(as) ainda não conseguiram o devido espaço de reconhecimento da diferença que constitui sua identidade. E isso significa a invisibilidade da manifestação de sua cultura e a negação de sua maneira de ser.

Palavras - chave: Processos Educativos – Diversidade – Cultura Surda

#### **Referências:**

BRANDÃO, C. R. Sobre teias e tramas de aprender e ensinar – anotações e respeito de uma antropologia da educação. **INTER-AÇÃO**. Goiânia.v.26,n.1,p.9-31, jun, 2001.

DORZIART, A. **O outro da educação: pensando a surdez com base nos temas Identidade/Diferença, Currículo e Inclusão**. Petrópolis: Vozes, 2009. 94p.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GUSMÃO, N. M. M. Antropologia e educação: Origens de um diálogo. **Cadernos CEDES**, vol.18 n. 43 Campinas Dec.1997. p. 8-25.

\_\_\_\_\_. Linguagem, Cultura e Alteridade: Imagem do outro. Faculdade de Educação Unicamp. **Cadernos de Pesquisa**. 107, p.41-78, Julho/1999.

LULKIN, S.A. O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural. In: SKLIAR, C. (Org). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2010. 4ª Ed.p.33-50.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Bronislaw Malinowski: antropologia** [1922]. São Paulo: Ática, 1992.192p.

MOURA, M. C. **O surdo: Caminhos para uma Nova Identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000. 152p.

PERLIN, G. T. T. **Histórias de vida surda: Identidades em questão**. SKLIAR, J.C. (Orientador). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação de Porto Alegre, BR-RS, 1998.93f

\_\_\_\_\_. **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade**. SKLIAR, J.C. (Orientador). Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação de Porto Alegre, BR-RS, 2003.156f.

SILVA, T. T. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: Silva, T.T. (Org). **Identidade e Diferença: As perspectivas dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Vozes. 2000.p.72-102.

SKLIAR, C. (Org). **Educação & Exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 2001.153p.

\_\_\_\_\_. **Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

STRÖBEL, K. L. **Surdos: Vestígios Culturais não registrado na história**. Tese de Doutorado em Educação. UFSC. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.176.p.

THOMA, A. S. Surdos: esse “outro” de que fala a mídia. In: SKLIAR, C. (Org). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2010.p.121-136.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1995.